

UM CARISMA NA HISTÓRIA



“Passemos
para a outra
margem”
(Marcos 4,35-41)

VER:
UM CARISMA NA HISTÓRIA

«Passemos para a outra margem»

(Marcos 4,35-41)

Missionários da esperança para o mundo de hoje

Imprimatur
Superior Generalis
Prot. N.: 0000 069/2025

Introdução

Estimados confrades, irmãos, formandos, leigos associados e membros da Família Redentorista:

Recebam uma fraterna saudação em Cristo Redentor. No dia em que celebramos a festa da Anunciação do Senhor, o Secretariado para a Evangelização estende um convite a toda a Congregação para refletir sobre a nossa missão redentorista. Como preâmbulo, gostaríamos de compartilhar as palavras de Jesus no episódio da tempestade no mar: «Passemos para a outra margem...». Gostaríamos de oferecer-lhes dois textos de reflexão: o que Vocês têm em mãos neste momento e um outro que será publicado na festa do Beato Januário Sarnelli. Ambos os textos são subsídios para a formação contínua dos congregados, leigos associados e comunidades em cada (vice)província, e fazem parte do roteiro de preparação para a *Communicanda* sobre a missão, que será publicada num futuro próximo.

1. O XXVI Capítulo Geral, em sua primeira diretriz, determinou que “o Governo Geral, mediante uma *Communicanda*, encontros, cursos ou outros meios, ofereça diretrizes sobre como resgatar e fortalecer nossa Identidade Missionária Redentorista, levando em conta a nossa casa comum, a justiça social e a missão compartilhada” (XXVI Capítulo Geral, Diretriz 1). Em resposta a essa diretriz, a *Communicanda sobre a missão* será dirigida aos confrades, formandos, colaboradores na missão e a toda a Família Redentorista. Nossa missão redentorista enfrenta hoje

inúmeros desafios, o que exige de nós reimaginar caminhos renovados para a sua realização. O contexto que viu nascer a Congregação no século XVIII estava marcado por importantes tensões políticas e culturais que definiram a missão dos Redentoristas. De maneira semelhante, hoje nos encontramos perante tensões e polarizações em nossa sociedade, assim como com o enfraquecimento da democracia. Estamos vivendo uma época de mudanças que temos denominado como "liminar", na qual está emergindo um rosto renovado da Congregação.

2. Precisamente, o XXVI Capítulo Geral adotou a liminaridade como a categoria arquetípica de nosso tempo, definindo profundamente a nossa missão. A liminaridade é entendida como o espaço de periferia onde já não nos sentimos seguros e onde experimentamos impotência, incompreensão e ansiedade. Trata-se desse "lugar" e momento em que nos encontramos sem tê-lo buscado, mas no qual também descobrimos inúmeras possibilidades. É um espaço que, de certo modo, nos faz experimentar um sentir-se em casa, porque é ali que se encontram os pobres, os abandonados e os angustiados. Neste sentido, a liminaridade se transforma para nós na Scala de hoje, onde podemos redescobrir a intuição carismática original de Santo Afonso e o frescor do Evangelho (cf. EG, 11) que ele proclamou.

3. Neste contexto de liminaridade, Cristo Redentor é o nosso centro e ponto de referência (cf. Jo 14,6; Jo 15,4-12; 1 Cor 12,4-27). Ele é o Evangelizador dos mais pobres e abandonados. Os fundamentos, objetivos e destinatários de nossa missão estão claramente definidos nas Constituições

e Estatutos Gerais da Congregação. Eles estabelecem que, segundo o espírito e a intuição de Santo Afonso, os Redentoristas só serão verdadeiramente missionários se tiverem o Cristo e os pobres em seu coração, vivendo e atuando como cooperadores de Cristo Redentor em uma comunidade apostólica (cf. Const. 2).

4. Este texto de reflexão nos convida a reimaginar nossa missão no mundo atual para revitalizar nossa *Vita Apostólica*. Como discípulos missionários de Cristo, não basta conhecê-lo ou escutá-lo; somos chamados a dá-lo a conhecer através de nossa maneira de viver, para que seu Evangelho seja luz e esperança no mundo. Jesus mesmo nos diz: «Vós sois o sal da terra... vós sois a luz do mundo» (Mt 5,13-15; *Communicanda* 1/2024). Precisamos estar abertos à ação do Espírito Santo. «Seguindo a intuição de Santo Afonso, a missão ocupa um lugar central em nossa vida e identidade» (XXVI Capítulo Geral, Documento Final 24). Esperamos que esta reflexão nos ajude a tomar maior consciência de que a nossa missão Redentorista hoje é, e deve ser, uma missão compartilhada com os leigos.

5. Missão, comunidade e espiritualidade são os três pilares de nossa identidade redentorista. "A missão de Cristo Redentor", que é a missão de Deus Pai, é a razão de nossa consagração como Redentoristas (cf. Const., cap. 3). A Congregação existe para a missão de Cristo, como o expressam nossas Constituições através do termo *Vita Apostólica*, que compreende, a um só tempo, a vida especialmente dedicada a Deus e a obra missionária dos Redentoristas (cf. Const. 1). Somos chamados a "continuar

a presença de Cristo e sua missão de redenção no mundo" de hoje (cf. Const. 23).

6. Todavia, este olhar atento e amoroso à nossa realidade atual é só o primeiro passo que nos permitirá discernir as respostas mais adequadas e avançar com esperança para o futuro. Reimaginar nossa missão redentorista não significa unicamente melhorar o que sempre temos feito ou aperfeiçoar os sistemas e regras existentes em nossa maneira de exercê-la (cf. *Fratelli tutti*, 7). Novas estruturas para a missão exigem um novo espírito missionário. Neste sentido, o relato evangélico da tempestade (Mc 4,35-41), citado no início desta reflexão, ganha um significado especial como texto preparatório para a *Communicanda* solicitada pelo XXVI Capítulo Geral. Queremos explorar o contexto em que vivemos e como ele impacta nossa identidade e missão (XXVI Capítulo Geral, Diretriz 2). Isto nos levará a reimaginar nossa presença no mundo, um mundo mutante e fluido, e a propor com valentia novas expressões de nossa missão.

Para isso, seguiremos uma metodologia e uma estrutura pastoral em três textos:

- 1º Texto: Ver – um carisma na história
- 2º Texto: Discernir – Reimaginar nossa missão em um mundo mutante
- 3º Texto: Agir – *Communicanda* 2/2025: «Passemos para a outra margem »

VER

UM CARISMA NA HISTÓRIA

7. Ao adentrarmos nesta leitura contemplativa do mundo como o espaço onde nossa Família Redentorista exerce sua missão, queremos deixar-nos inspirar pelo relato evangélico de Jesus acalmando a tempestade:

Naquele dia, ao cair da tarde, Jesus disse a seus discípulos: «Vamos para a outra margem!» Eles despediram a multidão e levaram Jesus consigo, assim como estava, na barca. Havia ainda outras barcas com ele. Começou a soprar uma ventania muito forte e as ondas se lançavam dentro da barca, de modo que a barca já começava a se encher. Jesus estava na parte de trás, dormindo sobre um travesseiro. Os discípulos o acordaram e disseram: “Mestre, estamos perecendo e tu não te importas?” Ele se levantou e ordenou ao vento e ao mar: “Silêncio! Cala-te!” O vento cessou e houve uma grande calmaria. Então Jesus perguntou aos discípulos: “Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” Eles sentiram um grande medo e diziam uns aos outros: “Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?” (Mc 4, 35-41).

8. O XXVI Capítulo Geral procurou discernir formas de viver com fidelidade o carisma e a missão redentorista no mundo de hoje. Os capitulares, como já dissemos, se referiram a este tempo de mudanças rápidas e dramáticas como um período de liminaridade, no qual o mundo está tratando de entender o que está acontecendo e o que está

surgindo. Também identificaram uma tensão criativa no processo de transição da antiga ordem para uma nova. Esta realidade se reflete no relato evangélico da tempestade no mar. Quando remamos, geralmente o fazemos para a frente, mas, de vez em quando, olhamos para trás. Podemos identificar a margem de onde saímos, mas para distinguir «o outro lado» ao qual queremos chegar, temos de fazer um esforço maior. O Papa Francisco descreveu este tempo como uma «mudança de época», que gera imprevisibilidade e confusão devido à perda das certezas do passado e à incerteza de um futuro que ainda não podemos ver com clareza (cf. Documento final, 26). Com efeito, não há época sem crises. Em muitos sentidos, o nosso tempo vive uma experiência de tormenta: perturbações e choques que a família redentorista encontra ao navegar no mar turbulento do mundo.

9. Ainda que às vezes a nossa atenção se centre nos perigos e ameaças deste tempo de liminaridade, é importante afirmar que este momento também é um tempo de graça. Por isso, temos conseguido identificar-nos como «Missionários da esperança continuando os passos do Redentor», e nos sentimos chamados a abraçar com esperança as possibilidades inerentes a este momento liminar.

10. Os capitulares do XXVI Capítulo Geral reconheceram que a Congregação existe dentro da história. Nosso carisma sempre se situa e se desenvolve em diversos contextos econômicos, políticos, socioculturais e eclesiais. Reconhecemos que a missão redentorista não se exerce no vazio. Ao contrário, só pode continuar avançando se

permanecer imersa nas contingências dos acontecimentos e nas vicissitudes da história. Por isso, viver nosso carisma hoje implica antecipar-nos ao desenrolar desta história para enfrentá-la com audácia, com um espírito de fidelidade criativa e zelo missionário. Implica também o desejo de renovar e transformar continuamente nossa *Vita Apostolica*, respondendo ao chamado a sermos autênticos discípulos missionários do Redentor. Verdadeiramente, este é um tempo no que os questionamentos apontados na *Redemptoris Missio* encontram nova ressonância:

- Tem ainda sentido a missão da Igreja no mundo de hoje? (cf. RM, 4)
- Qual é, concretamente, o sentido e a atualidade da missão redentorista hoje?

Luzes e sombras: A missão redentorista no mundo de hoje

11. No mundo atual, descobrimos tanto luzes como sombras. Por um lado, há crescimentos positivos, avanços e conquistas que permitem o progresso dos povos e das culturas. Por outro lado, também surgem graves problemas e desafios que devemos enfrentar. O caráter ambivalente da realidade reflete, ao mesmo tempo, as esperanças e as dores, as alegrias e os sofrimentos da humanidade e de toda a Criação.

12. Os documentos do Vaticano II, em particular a *Gaudium et Spes*, apontaram a necessidade de compreender e responder a questão da busca de sentido, às «alegrias e as

esperanças, as tristezas e as angústias» (GS 1) dos homens de hoje. Igualmente, os últimos Capítulos Gerais expressaram sua preocupação com o modo como os processos de secularização e a mudança acelerada afetam nossa identidade e missão redentoristas. Somos, assim, interpelados a compreender o sentido das esperanças e aspirações, como também da desilusão e desesperança dos homens de hoje, realidades que também tocam nossa vida de consagrados.

13. Muitas pessoas encontram e avançam em sua caminhada de fé dentro de uma sociedade e um contexto marcadamente secularistas. Já não vivemos numa cultura que possa ser descrita como cristã. Assim, o desafio no caminho da evangelização consiste em saber propiciar conexões significativas entre as pessoas, oferecendo-lhes um sentido de totalidade e pertença, num ambiente que as ajude a superar preconceitos e a abrir-se ao dom da fé. Trata-se de um apelo a estabelecer relações com e na sociedade, um apelo a escutar atentamente o mundo para poder responder de forma criativa aos anseios e desejos humanos de hoje. O estilo redentorista de «evangelizar e ser evangelizados por» aqueles com os quais caminhamos nos convida a assumir um compromisso criativo e dialogal com a gente de nosso tempo.

Os efeitos de um mundo globalizado e secularizado

14. A mudança de mentalidade que continua acontecendo, devido especialmente aos rápidos progressos no âmbito científico e tecnológico, está provocando nas consciências

o que Bento XVI chamou de «o eclipse de Deus e da fé». João Paulo II falava de uma sociedade inclinada a apostatar silenciosamente de Deus. Neste ambiente, a fé em Deus torna-se irrelevante e sua ausência não parece gerar nostalgia alguma. É evidente, em alguns contextos, sobretudo no Ocidente, a ruptura que aconteceu entre a Igreja, a sociedade e as novas gerações. Assim, torna-se cada vez mais difícil para a Igreja restabelecer novos vínculos e relações com a sociedade, especialmente com os jovens.

Igualmente, torna-se evidente a confusão de muitos jovens que, apesar de manter uma certa sensibilidade religiosa, acham difícil orientar-se na busca de respostas às perguntas fundamentais da vida. O monopólio moral da Igreja, que no passado guiava o caminho de muitos povos, se acha cada vez mais debilitado hoje, sobretudo pela falta de testemunho do Evangelho. O papel da Igreja na sociedade reduz-se cada vez mais e sua influência é cada vez menos visível. Percebida como uma instituição que se marginaliza a si mesma, amiúde entrincheirada em pressupostos morais ou doutrinários sobre questões como o aborto e a moral sexual, a Igreja é frequentemente considerada uma instituição que não está aberta a ouvir as experiências das pessoas.

15. Mas esta realidade também pode ser entendida como uma busca e um impulso para a autenticidade, a honestidade e a integridade. Se a nossa família redentorista se esforça por escutar atentamente esses anseios e encontrar respostas, poderíamos descobrir novas possibilidades de compromisso e diálogo, o que abriria oportunidades para renovar e reimaginar nossa missão.

16. Além disso, estamos sendo testemunhas de uma perda de confiança na razão e nas instituições que até agora tinham proporcionado sentido e ordem à sociedade. Essa perda de confiança nas instituições, especialmente na Igreja, é agravada por escândalos de diversa índole. Isso tem causado uma erosão lenta mas constante, não só da credibilidade da Igreja, mas também de submissão e de seu papel evangelizador. A rapidez e profundidade da transformação cultural que se está produzindo nos últimos anos, mal nos dá a oportunidade de assimilá-la, compreendê-la e oferecer soluções adequadas. Vemos, por exemplo, como o mundo rural, no qual nossa Congregação nasceu e teve uma forte presença durante tanto tempo, quase desapareceu, dando lugar a grandes aglomerados urbanos que agora se tornam os verdadeiros territórios de missão. Enquanto continuamos tratando de decifrar o fenômeno do mundo secularizado, enfrentamos agora a realidade do mundo pós-secularizado. À crise das certezas religiosas tradicionais, se soma agora a crise das certezas seculares (cf. T. Halik)

17. Em muitos lugares, observamos que os fiéis estão abandonando suas práticas tradicionais para embarcar em novas buscas do sentido da existência e da experiência do transcendente. Por exemplo, vive-se o auge daquilo que alguns têm chamado, na falta de um termo melhor, de neopaganismo, que recupera crenças do passado sem conexão com as principais tradições religiosas do mundo atual. Às vezes, isto inclui uma forma de sincretismo, um amálgama de crenças, costumes e escolas de pensamento, tiradas do seu contexto original. Outra realidade é que as

categorias de fiel praticante e ateu militante tendem a diluir-se no mar daquilo que alguns, como Charles Taylor, têm apontado como um «desencanto». Enquanto se abandonam tacitamente os elementos fundamentais da fé, a muitos só lhes restam as expressões de um cristianismo meramente social e cultural. Deste modo, a fé se privatiza e se despoja de todo vínculo moral ou dogmático, ao passo que no outro extremo, manifesta-se numa religiosidade extrínseca baseada no rigorismo ou no autoritarismo.

18. Por outro lado, reconhecemos e nos sentimos inspirados pelo altruísmo e a genuína preocupação de muitas pessoas no mundo secular, especialmente dos jovens. Muitas pessoas escutam e respondem criativamente ao clamor da terra e dos pobres. Por toda parte vemos pessoas de boa vontade unir-se para apoiar causas ecológicas, como as mudanças climáticas. Em numerosos lugares, observamos coletas de alimentos, roupa, bem como campanhas e marchas em socorro dos que se veem afetados por diversas enfermidades e problemas sociais. Reconhecemos e apreciamos esta generosidade e este ativismo como uma luz resplandecente, e também como um apelo à nossa família redentorista a unir-se, apoiar e conectar-se com essas causas comuns.

19. De igual maneira, em alguns países, os chamados «nãos» (não crentes, não filiados a nenhuma religião, por suas siglas em inglês) constituem o grupo mais numeroso entre as diferentes denominações, superando inclusive os cristãos ou qualquer outro grupo confessional. A autossuficiência, a autonomia total e a indiferença perante a religião são alguns de seus traços característicos. Neste contexto, Deus não é

necessário; é expulso da história e substituído pelo ídolo da racionalidade tecnológica, o que dá lugar a um niilismo antropológico que reduz as pessoas a instintos e tendências, levando-as a naufragar num oceano de banalidade. Isto nos permite identificar o que alguns chamam de «sociedade líquida» (Bauman), caracterizada pela mudança constante, a mobilidade e a incerteza, na qual os vínculos são transitórios e voláteis. Além disso, o tempo é vivido sem certezas; a espiritualidade se desenrola sem Deus, sem pertença nem filiação religiosa, e as relações carecem de responsabilidade.

20. Essas mudanças contextuais dão lugar a um novo tipo de pessoas e de sociedade. Assistimos à busca do máximo benefício com o mínimo custo, o que leva à subjetivação da moral. Esses fatores têm conseguido conquistar e colonizar os desejos e as vontades tanto dos indivíduos como dos crentes. A busca do sucesso a todo custo, do máximo benefício, da concorrência desapiadada, do prazer individual e a recusa de toda forma de pertença caracterizam a sociedade atual, levando-a à fragmentação, à relativização das opções e à primazia da subjetividade. É uma cultura laicista que pretende organizar a sociedade baseando-se unicamente na racionalidade tecnológica, na primazia do hedonismo individualista e na marginalização da dimensão religiosa da cultura (João Paulo II).

21. Este é o contexto de uma sociedade consumista na qual a palavra «suficiente» parece não existir, e na qual nos coube levar adiante nossa missão redentorista. É um contexto onde a maior felicidade do indivíduo se baseia na aquisição de bens e serviços. Não parece haver distinção entre o que se deseja e o que realmente se necessita quando se trata de

consumir. Como resultado, o ato de comprar e consumir acaba por definir a pessoa humana. As pessoas entram num ciclo de consumo insaciável e sentem-se obrigadas a «atualizar-se» constantemente em função dos bens e serviços de que julgam necessitar, tudo isto à custa da degradação dos bens naturais de nossa Casa Comum.

22. Não é de estranhar que a cultura do ter e do desfrute esteja levando a sociedade a um déficit de esperança, o que faz com que o indivíduo acabe vivendo em um mundo marcado pela banalidade e a frivolidade existencial.

23. Também estamos sendo testemunhas de uma proliferação de comunidades como Médicos sem Fronteiras, Engenheiros sem Fronteiras, a Cruz Vermelha, o Crescente Vermelho, Hábitat para a Humanidade e uma miríade de outras agências de ajuda voluntária. Isto reflete uma generosidade inspiradora e um impulso por criar respostas interculturais a problemas e preocupações que vão mais além das fronteiras.

24. Por outro lado, o contexto social atual parece indicar que cada pessoa tende a encerrar-se em suas próprias "bolhas de significado", afastando-se de núcleos de significado mais amplos, como a família, a cultura ou as instituições. Nessa aldeia global, os progressos tecnológicos na comunicação aproximam as pessoas, ajudando-as a superar barreiras geográficas e preconceitos existenciais. As conexões relacionais se intensificam apesar das distâncias físicas, o que permite interações mais dinâmicas. Porém, apesar de estarmos mais conectados, cresce a sensação de isolamento, solidão e angústia, especialmente entre os

jovens, que se sentem ainda mais excluídos. O acesso a uma maior quantidade de informação não tem garantido uma compreensão mais profunda do conhecimento nem uma visão mais sábia da realidade. Ao contrário, aumentou o medo do outro, do diferente ou desconhecido, assim como também ampliou a brecha intergeracional neste mundo digital.

25. Abundam as *fake news* e as teorias conspiratórias, que alimentam a desconfiança mútua, fomentam divisões sociais e avivam tensões raciais. Em muitos países, as redes sociais se transformam numa poderosa ferramenta ao serviço de movimentos populistas e extremistas. Percebemos que as categorias religiosas que nos guiavam já não são compreendidas ou, na pior das hipóteses, se descartam como obsoletas. O desafio consiste em encontrar novas formas e linguagens para comunicar de maneira criativa a riqueza e a alegria do Evangelho.

26. Também podemos observar outras mudanças no campo da missão. A crise ambiental segue em aumento, o nosso mundo está se tornando cada vez mais tecnológico e digital, e a migração, com suas consequências, continua crescendo. Além disso, cada indivíduo forma seu próprio critério e toma suas decisões quando quer, como quer e com a frequência que deseja.

27. Após a pandemia da Covid-19, o mundo tal como o conhecíamos mudou de maneira significativa. Viver na «nova normalidade» transformou a maneira como as pessoas se relacionam entre si, com a sociedade e com a Igreja. A pandemia trouxe consigo a fé e as práticas *online*, o

que tem gerado novos desafios, mas também tem aberto oportunidades para as comunidades de fé e para nossa família redentorista.

Ser luz do mundo (Mt 5,14)

A nossa presença redentorista no mundo de hoje

28. A nossa identidade redentorista está fundamentada na pessoa de Cristo Redentor. Manifesta-se como uma expressão do amor de Deus, de sua misericórdia e da copiosa redenção em um mundo no qual se entrelaçam os dramas e as esperanças da humanidade, e onde está nascendo um rosto renovado da Congregação e da nossa missão. Reconhecemos os sinais de esperança que afloram no mundo secular e que ressoam com a mensagem da copiosa redenção. Este é um tempo de esperança que traz as marcas do Mistério Pascal, no qual o Cristo Redentor, morto e ressuscitado, continua manifestando-se como Senhor da história. Este ano dedicado à missão, que coincide com o Ano Jubilar 2025, é um apelo a toda a Família Redentorista a reavivar a esperança enquanto contemplamos as correntes no mar do mundo.

29. Quando olhamos para trás em nossa história, não contemplamos o passado como algo distante, e sim como um presente que foi modelado e definido por aqueles que nos precederam. Santo Afonso nos ensinou a não nos conformarmos com a mentalidade deste mundo (Rom 12,2), mas a buscarmos sua transformação mediante a conformidade com a Vontade Divina. Ele era muito

consciente de que quem perde a vida por Jesus, afinal a ganha (Mt 10, 37-42). Em sua própria vida, Afonso encarnou a atitude de «passar para a outra margem ...». Por isso, em lugar de buscar a autoconservação nos momentos de crise, sempre colocou em primeiro lugar o amor e a vontade de Deus, o Bem Supremo, mesmo à custa de grandes sacrifícios. Só assim, abraçando a Vontade Divina, foi capaz de responder com fidelidade criativa à sua vocação missionária e à de fundar a Congregação, apesar das dificuldades e incertezas que acarretava deixar a segurança de sua casa, de sua família e de sua Nápoles natal.

30. Essa atitude, como a de nossos Santos e Mártires que gastaram sua vida ao serviço da redenção abundante, faz parte do nosso presente e é nosso ponto de referência para continuarmos construindo o futuro no qual se prolonga a missão redentorista. Assim, ao reler criativamente nosso carisma e nossa missão, em nossas próprias circunstâncias, conseguiremos manter seu dinamismo e vitalidade no hoje e no amanhã. A maneira redentorista de viver e encarnar nosso carisma na história é o que nos torna originais e, ao mesmo tempo, relevantes dentro da Igreja e da sociedade em geral.

Continuar a missão do Redentor

31. O mundo contemporâneo, com suas luzes e sombras, é o mar em que navegamos, o campo de missão ao qual somos enviados como colaboradores de Jesus Cristo na grande obra da redenção (Const. 2) e como missionários da esperança. Em muitas de nossas comunidades, há um

esforço genuíno para responder a esses desafios com iniciativas audazes. No entanto, também se percebe, em nível generalizado, uma evangelização com um ardor missionário debilitado e uma prática pastoral que persiste em uma sacramentalização da fé, sem uma adequada experiência formativa. Nossa pregação, ocasionalmente, emprega uma linguagem pouco significativa para a cultura atual, especialmente para os jovens (cf. Documento de Aparecida [DA], 100). O desafio, portanto, é: como anunciar a Boa Nova do Redentor nos novos contextos que encontramos hoje?

32. Queremos ser mais conscientes de que vivemos e exercemos nossa missão neste momento histórico concreto, e que tanto a história da Congregação como a história da Igreja configuram e influem em nossa maneira de interagir com o mundo e nos modos como abordamos a realidade. Neste sentido, somos agentes vivos do Redentor na história, e a missão redentorista continua contribuindo para a construção do Reino, como semente de vida abundante e de copiosa redenção para o mundo (cf. Jo 10,10).

33. Precisamos aprender a viver em tensão dialética não só com o que já conhecemos, mas também com o novo e o desconhecido. Devemos aprender a viver nessa tensão não só com nossas zonas de conforto e o que nos dá segurança, mas também com o que nos gera temores, para nos deixarmos surpreender pelo Espírito do Redentor, que é o verdadeiro Protagonista da história (cf. Const. 10, 23, 25).

Somos sinais de esperança

34. Alguns setores da sociedade ainda mantêm sua confiança na riqueza profunda do cristianismo, sobre a qual foi construída a sociedade ocidental. O Papa Francisco nos convida a reconhecer uma perspectiva mais profunda de nossa identidade missionária hoje, na qual destaca o potencial dos leigos como fermento de muitas e novas iniciativas missionárias e evangelizadoras. Na Família Redentorista, a missão compartilhada com os leigos continua sendo um tesouro missionário ainda a se explorar.

Igualmente, na Bula de Convocação do Jubileu do Ano 2025 *Spes non confundit* («A esperança não engana»), o Papa Francisco indica outros sinais de esperança em nosso mundo atual. Afirma: « Além de beber a esperança na graça de Deus, somos também chamados a descobri-la nos *sinais dos tempos*, que o Senhor oferece. Como afirma o Concílio Vaticano II, «é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas». Por isso, para não cair na tentação de nos considerarmos subjugados pelo mal e pela violência, é necessário prestar atenção a tanto bem que existe no mundo. Porém, os sinais dos tempos, que contêm o anélito do coração humano, carecido da presença salvífica de Deus, pedem para ser transformados em sinais de esperança.» (*Spes non confundit*, n. 7).

35. Concluimos esse primeiro subsídio de reflexão com o convite a *ver com esperança* o nosso carisma na história, esforçando-nos para compreender a nossa realidade atual e como o Senhor nos chama a responder às necessidades urgentes do nosso mundo. Somos Missionários da Esperança que caminham continuando os passos do Redentor, buscando responder hoje como o fizeram nossos santos confrades do passado, com dinamismo missionário e criatividade. As palavras do Papa Paulo VI, contidas no documento papal mais significativo sobre a evangelização, nos servem de incentivo no presente: «Conservemos o fervor do espírito, portanto; conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! Que isto constitua para nós, como para João Batista, para Pedro e para Paulo, para os outros apóstolos e para uma multidão de admiráveis evangelizadores no decurso da história da Igreja, um impulso interior que ninguém nem nada possam extinguir. Que isto constitua, ainda, a grande alegria das nossas vidas consagradas. E que o mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo, e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo.» (*Evangelii nuntiandi*, n. 80).

Na cena da Anunciação, o Anjo anuncia a Maria que ela será a mãe do Redentor. Hoje, como Congregação, junto com

nossos associados leigos na missão, somos chamados a fazer um anúncio semelhante. As palavras do Anjo ressoam em nossos corações e mentes: o *Redentor está conosco, habita nas profundezas deste mundo e se faz carne em nossas vidas*. Esta profunda intimidade com o Redentor nos outorga o caráter profético de nossa missão e nos dá a audácia necessária para «*passar para a outra margem*» (Mc 4, 35-41).

PARA A REFLEXÃO PESSOAL OU COMUNITÁRIA

- Quais são as principais crises globais que afetam a missão redentorista hoje em dia?
- Como podemos, a partir da vitalidade do carisma redentorista, adaptar-nos e responder aos desafios atuais na missão?
- Que devemos deixar para trás para podermos avançar rumo à "outra margem" que o Evangelho nos convida e alcançar?
- Quais são as debilidades que, como consagrados e leigos associados, observamos em nossa (Vice)Província ou Região a respeito da missão que realizamos?
- Quais forças existem em nossa (Vice)Província ou Região, e na Congregação em geral, que nos permitem seguir adiante na missão?

Roma, 25 de março de 2025, Solenidade da Anunciação do
Senhor
Secretariado para a Evangelização

Original: inglês



CONGREGATIO SANCTISSIMI
REDEMPTORIS
SECRETARIATUS EVANGELIZATIONIS